

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -

Número avulso
25 centavos

Redacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

P.º José A. Aires

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
PAGAMENTO ADIANTADO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

As raças históricas na Lusitania

(Transcrição)

III

(Continuação do número 31)

Ele diz que nas duas linguas é frequente o uso das vogaes fortes, como o A mudo do dialecto colico.

Tambem usamos dobrar as vogaes como os gregos,—e, como estes, na nossa antiga linguagem usamos do concurso das vogaes em uma mesma palavra.

O uso que fazemos de pôr vogaes antes das palavras é tambem frequente no grego.

Ele faz originar o nosso artigo d'esta lingua.

Nota que os nossos antigos faziam uso da clisão, exactamente como os gregos; mostra muitas terminações de palavras semelhantes ás do grego, como o nosso antigo *om*.

Tambem nos verbos nota que, enquanto os latinos só tinham um genero de preterito, nós temos dois, e os gregos tinham não só o preterito perfeito, mas mais dois tempos a que chamavam indefinidos.

Diz ele que usamos dos infinitos em lugar dos garendios, como usa o grego.

«É uso particular (diz ele) de nossa lingua que parece contrario á regra universal da concordancia, qual é pôr no singular certos verbos que acompanham e determinam alguns nomes postos no plural; assim por exemplo dizemos—*Houve homens, ha homens, ha mulheres*,—e nesse uso era singular entre os gregos a respeito dos nomes neutros.»

Muitas outras semelhanças entre o grego e o portuguez mostra o sabio filologo, as quaes não são para aqui.

Apenas quizemos notar a grande influencia que na nossa lingua primitiva exerceu o grego, o povo mais culto, adeantado e original da Antiguidade.

A sua lingua afirmou-se brilhantemente na epopeia na poesia lirica, na tragedia, na comedia, na musica, na pintura, architectura e escultura e em todas as ciencias e ramos da actividade humana.

Um povo que ampliou tanto o mundo da intelligencia, o commercio, a industria e a navegação,—e tudo de sua casa,—muito tinha que dar aos mais povos com quem convivesse e a quem transmitisse, pela ordem natural das coisas, a brilhante civilização por eles creada.

É isto o que falta aos romanos, que só imperaram pela força das armas e foram tão detestados por todos os mais povos.

Quando tratamos da posição especial do Algarve e da Galiza, ahí mencionamos os limites do dominio fenicio na Lusitania.

Temos a convicção de que seguimos a boa doutrina.

Não sabemos explicar porque motivo Herculano deu a preferencia ao elemento fenicio, sem atender á barreira imensa que se para o elemento semitico do aryano.

Como é possível que aqueles povos de raças tão opostas se extendessem tanto pelas populações celticas, sem empregarem para isso o poder das armas, como os arabes que, apesar de tantos seculos de dominio na Europa, foram dela expulsos pelas suas populações?

Porventura o elemento semitico na peninsula podia ser mais forte que o grego ou europeu genuino?

Bem sabemos que os fenicios se misturaram com os jonicos da Sicilia e outros povos do Mediterraneo; mas isso não é razão para se concluir que imperassem mais na Lusitania do que os gregos que tinham a mesma origem que os celtas.

Nunca o elemento fenicio ou semitico se podia assimilar ao indo-europeu. A dar-se o fenomeno apontado por Herculano, seria preciso para isso que existissem lutas gigantes entre os fenicios e povos Celto-lusitanos e galaicos, das quais não nos fala a história. No entanto devemos acentuar bem o seguinte facto: Entre gregos e lusitanos não consta que houvesse a menor luta; aquêles foram por êstes perfeitamente recibidos.

Outro tanto não aconteceu aos fenicios, provavelmente da Betica e Algarve, os quais tiveram que pedir auxilio aos seus irmãos de



Nossa Senhora da Franqueira

origem (os cartagineses), para se defenderem das agressões dos povos celiberos da Peninsula!

(Continúa)

Fra Casil.

Uma Carta

... Sr. Director dos «Ecoss da Franqueira»

Tendo-se espalhado nesta cidade o boato de que todos os trabalhos, ou parte deles, inherentes á manufactura e inauguração do Monumento aos Mortos da Grande Guerra se devem á minhas pessoas, venho pedir-lhe para que no seu jornal se desmintam categoricamente tal boato e ao mesmo tempo se afirme que *tudo aquilo* se deve exclusivamente á junta desta freguesia e Camara Municipal, devendo acentuar-se que a haver palavras elogiosas estas se devem referir ao Presidente da junta Sr. Joaquim de Carvalho, 1º Sargento reformado, o qual foi incansavel e denodadamente se pôz *incondicionalmente* ao lado desta simpatica iniciativa, pelo que a ele *tudo aquilo* se lhe deve.

A este facto, em tempo oportuno, se referiu o jornal «A Opinião» cujo artigo julgo desnecessario transcrever.

Por tudo se confessa muito grato o que é

De... Att. Ven.º M.º Obg.º

Barcelos 30. IV. 933

Francisco Cardoso e Silva, tenente da G. R.



O Evangelho

Jesus disse aos seus discípulos: «Daqui a pouco não me vereis, e outra vez aqui a pouco e me vereis, porque vou para o Pai». Disseram então os discípulos uns para os outros: «Que vem a ser isto que ele nos diz: daqui a pouco? Não sabemos o que quer dizer». Conhecendo Jesus que lho queriam perguntar disse: «Vós perguntais o que significam as minhas palavras; em verdade, em verdade vos digo que haveis de chorar e gemer e que o mundo se há-de alegrar; mas a vossa tristeza há-de-se converter em alegria. Quando uma mulher sente as dores do parto, está triste porque é chegada a sua hora; mas depois que deu à luz um menino, já não se lembra das dores pela alegria que tem de ver o seu filho. Assim vós outros sem dúvida estais agora tristes, mas hei-de ver-vos outra vez, e o vosso coração ficará cheio de gozo que ninguém vos tirará.

Brevidade do tempo

De aqui a pouco não me vereis, e outra vez de aqui a pouco e me vereis.

Misteriosas e muito importantes pareceram aos Apóstolos as palavras de Jesus Cristo que hoje nos refere o Evangelho, para o interrogar sobre o significado delas, interrompendo-lhe o discurso. Dizia-lhes o divino Mestre com sentimento de saudosa despedida:

De aqui a pouco já não me vereis, mas outra vez de aqui a pouco e voltareis a ver-me porque vou para o Pai. E pensavam e diziam entre si: Que pouco tempo é este de que fala? Não entendemos o que nos quer dizer! (Joan., XVI, 16, 18).

Esta mesma pergunta é justo que também nós a façamos, pois que igualmente para nós foram pronunciadas aquelas palavras, por isso vou dirigir-vos algumas reflexões sobre elas, afirmando que é muito breve o tempo da vida presente, e que portanto o devemos aproveitar bem.

Esse pouco tempo a que se referia o Salvador, poderia significar os poucos dias que mediavam entre a sua Ressurreição triunfante e a sua gloriosa Ascensão; mas as explicações que o divino Mestre deu a seguir, facilmente convencem que se trata aqui de todo o tempo que falta até ao fim do mundo, como o entende Santo Agostinho neste caso, na sua homilia ao Offício litúrgico de hoje. E se todo o tempo da vida da humanidade sobre a terra é tão breve, que se diz um pouco módico, que será o da vida de cada individuo?

I.—A nossa existência é na verdade muito breve:

1. Breve para sofrer.

Por mais que se diga que este mundo é um vale de lágrimas, e por muito que a vida presente seja tempo de trabalho e de prova, sempre resulta que é muito breve. Momentâneo lhe chama o Apóstolo (II Cor., IV, 17), e o mesmo Jesus Cristo usa a palavra módico, acrescentando: *Haveis de chorar e gemer, enquanto o mundo se há-de alegrar; mas a vossa tristeza se converterá em alegria.* (Joan., XVI, 26). E se vos parece longo e vos falta a paciência, é porque não o considerais em relação com a eternidade; pois, como diz Santo Agostinho, «todo o decurso de cem anos é coisa nenhuma em relação com a eternidade», e observa o mesmo Santo que «Deus é paciente porque é eterno».

Coragem! passará depressa esse trabalho que te aflige, e logo virá a eternidade, que nunca acabará!

2.—Breve para gozar.

Pela mesma razão que são breves os sofrimentos e dores desta vida, também o são relativamente aos seus gozos. Este mundo que se diverte e ri dos bons, depressa encontrará o seu termo, como disse o pacientíssimo Job: *E' breve a glória dos ímpios, e a alegria do hipócrita dura um momento.* (Job, XX, 5). Depressa se inverterão os papéis, e se a tristeza dos discípulos de Jesus, enquanto o mundo se alegrava, se havia de mudar brevemente em gozo, conforme lhes anunciou o mesmo Senhor, também a alegria do mundo teria de converter-se depressa em pranto, consoante ao que noutro discurso anunciou o divino Mestre: *Ai de vós es que agora ris, porque gemereis e chorareis.* (Luc., VI, 25). Assim o sentenciou o mesmo Jesus ao rico do Evangelho, que se julgava muito feliz com a abundância de suas colheitas: *Insensato! esta noite mesmo te virão pedir a alma; e as coisas que juntaste para quem serão?* Luc., XII, 20).

O tempo corre como um cavalo desbocado, e embora ignoremos quando nos visitará a morte, sabemos que pouco tardará, porque o Senhor disse: *Lembra-te de que a morte não tarda.* (Eccli., XIV, 12).

3.—Breve para trabalhar.

O tempo é um prazo que o Senhor nos deu para trabalhar e negociar a nossa salvação eterna: *Negociai até eu vir* (Luc., XIX, 13). Mas virá a noite da morte, quando ninguém puder trabalhar, como nos avisa Jesus Cristo (Joan., IX, 4). Todo o prazo parece breve para quem tem de pagar uma dívida, e todo o tempo de uma abundante colheita parece curto quando depois não há ocasião de a negociar. Por isto nos exorta S. Paulo, quando diz: *Cuidai, pois, irmãos, em andar com prudência; não como insensatos, mas como circunspectos; recobrando o tempo perdido, porque os dias desta vida são maus ou trabalhosos.* (Ephes., V, 15, 16).

Se para alguma coisa é boa esta vida, é o para trabalhar e padecer por Deus, como diz Santa Teresa; e se os bem-aventurados podessem ter pena, tê-la iam grande por não haver trabalhado mais por Deus e aproveitado o tempo. «Deus só dá a glória eterna aos que aproveitam bem o tempo», diz S. Francisco de Sales; e Santa Joana Chantal, impregnada do mesmo espírito do Santo, dizia: «Se perdesse um só momento de tempo, consideraria-me culpada de furto».

E que lástima não é, se nós o perdemos!

II.—Mas como havemos de proceder para o não perdermos, aproveitando-o bem?

1.—Servir a Deus.

«Para que foi criado o homem?» pergunta o Catecismo: «Para conhecer, amar e servir a Deus nesta vida, e vê-lo e gozá-lo na outra». Já sabeis desde a infância toda a razão de existirmos neste mundo, e de nos haver concedido o Senhor o tempo, pois não é outra coisa que a de empregarmos a vida presente em conhecer e servir a Deus. Mas servir a Deus equivale a guardar os seus mandamentos (Mat., XIX, 17). Não é coisa que esteja fóra do nosso alcance, nem noutra parte da terra; a consciência dita-nos o que devemos fazer para agradar a Deus e não o ofender; e não basta dizer: «não mato nem roubo», porque há mais oito mandamentos para cumprir.

2.—Cuidar da alma.

Diz-se que alguém aproveita o tempo no trabalho quando se aplica constantemente às obrigações do seu officio. Para aproveitar o tempo em ordem à vida eterna, temos de cuidar da alma, que é imortal, porque, se tanto se afadiga o homem pelos negócios temporais e terrenos que se acabam com a vida presente, quanto mais se há-de preocupar pelos da alma que são para sempre? *Que aproveita o homem ganhar o mundo todo, diz Jesus Cristo, se vem a perder a sua alma?* (Mat., XVI, 26). Nunca trabalhamos tão verdadeiramente para nós

mesmos, como quando nos ocupamos do bem da nossa alma.

3.—Exercitar-se nas obras de misericórdia

Por elas seremos julgados no último dia (Mat., XXV, 35), e elas nos atraem as bênçãos de Deus neste e no outro mundo (Psal., XL). Se a gente do mundo e a que não tem mais princípios que os da luz natural, conhece que são dias cheios os que se gastam em obras de beneficência, bem entendida, e perdidos os dias em que nada se faz pelo bem do próximo: «perdemos o dia», dizia o imperador Tito, quando não tinha feito bem algum aos seus semelhantes; quanto mais o cristão, que vê um irmão no seu próximo?

Cristãos: Aproveitemos o tempo: «Nada é longo se tem fim, e, comparado com a eternidade, todo o tempo é breve», diz S. Jerónimo. Breve para padecer, breve para gozar e breve para trabalhar. Trabalhemos no serviço de Deus, no cultivo da nossa alma e no bem do próximo. Assim viveremos dias cheios e longos, por breves que sejam. Poderemos então dizer com o Sábio: *Vede com os vossos olhos o pouco (módico) que trabalhei, e como adquirir muito descanso.* (Eccli., II, 35).

Curso de religião

Realizou-se a segunda reunião deste curso, destinado a senhoras, no domingo passado. A reunião teve lugar no salão de Conferências do Salão Recreativo, sendo presidida pelo Rev. P.e Figueiredo, da Congregação do Espírito Santo, que tem a seu cargo a direcção do Curso. Assistiu a Direcção da Associação Escolar Feminina, que promove a realização do curso e o assistente eclesiástico da mesma Mr. Pereira Junior.

Tinha sido dado para assunto desta sessão o respeito humano e ficado encarregadas de o tratar as Ex.mas Senhoras D. Tília da Assunção Vieira e D. Amélia da Trindade. Estas Senhoras apresentaram dois trabalhos de muito merecimento, que foram ouvidos com subido agrado e comentados e desenvolvidos por uma sábia e oportuna prelecção do sr. P.e Figueiredo. O salão estava ocupado por avultadíssimo número de Senhoras da melhor sociedade bracarense. A próxima reunião é no dia 14 de Maio ás 16 horas e meia, sendo o tema escolhido para esse dia a existência de Deus.

Estão encarregadas duas senhoras do estudo deste assunto basilar da nossa fé.

Preparando o futuro

Perante as furias sectarias do governo de Madrid os católicos espanhóis, não descansam. Certos de que a victoria se não conquista com revoltas mas com a organização, estão construindo, com tenacidade e sabedoria, a defesa dos seus direitos, em o dem a assegurar o futuro. Assim, no campo religioso, o Episcopado reorganizou já os quadros da Acção Católica, segundo o plano de Pio XI. Todas as actividades catolicas ficam agrupadas num só organismo, a que preside superiormente, o antigo director do *El Debate*, Sr. Angelo Herrera.

No campo politico, após trabalhos aturados, fundou-se a Confederação Espanhola das Direitas Autónomas, que constitue já uma força poderosa, dirigida por Gil Robles. No campo social, fundaram o Instituto Social Católico, fizeram uma cuidada revisão das associações profissionais e estão desenvolvendo um valioso esforço, tendente a alargar as instituições sindicais catolicas.

O governo maçónico de Madrid sente o peso dessa obra e teme ficar esmagado por ela. Todas as medidas violentas, que está adotando, contra a opinião de muitos correligionarios, são uma falsa tentativa de defesa que mais assegura a sua derrota.

VARIEDADES

MAIO DA VIRGEM

Que lindo sorriso do Maio das flores!
Perfuma-se tudo, num casto delírio!
As próprias espadas da Virgem das Dôres,
Parecem estrélas, ou folhas dum lírio!...

As nossas montanhas de ermidas nos cumes,
Estão enfeitadas que nem um altar!
Por música, as aves, incenso os perfumes,
A' Virgem da ermida com benções no olhar!

Apenas desponta, suavíssimo o dia,
Lá vão as mais lindas e gracios donzelas
Pôr luzes e rosas à Virgem Maria,
Encher-lhe o seu trono de flores e estrélas.

Gentis raparigas, com jovens a par,
Graciosas crianças—botões de assucenas—
Velinhos—cabeças de neve e luar—
Lá vão pelas tardes de Maio às novenas.

E, pelas Trindades, o sol em vertigem,
Anda a abençoar, qual pontífice loiro,
Os montes que têm capelas à Virgem,
E a ungi-los com óleos de púrpura e oirol!...

As brancas ermidas do meu Portugal
Avistam-se ao longe, ninguém as esquece!...
São lindas montanhas o seu pedestal,
E, em volta, as aldeias são almas em prece!...

Senhora!... Bem sabes!... queremos-te tantol...
Cercamos-te toda de flores tão belas,
Qua até as andorinhas cá vêm, num encanto,
Fazer os seus ninhos nas tuas capelas!...

Oh, mãe houel!... Em paga do nosso carinho,
Estende o teu manto por todas as casas!
Que Portugal todo seja um pintainho
Debaixo das tuas santíssimas asas!...

Maria Augusta Nogueira.

Reflexões de uns e de outros

Prefiro água pé à água benta.

Um bêbado.

Que mal faria eu a Deus para tanto me bate-rem!...

Um bombo.

Porque em minhas entranhas e tanto me mortificas?!

Um sino ao badalo.

Olhando para o campanário: Onde me foram pôr a porcal!...

Um porco.

Olhando para os copos duma espada: Não são destes que eu gosto!...

Um êbrio.

De quem são mais próprios os peixes

Dos astros, o sol
Do marceneiro a lixa
Do navio, o piloto
Do combate naval, o torpêdo
Do espião, o olhador
Do trovador, a viola.

De quem são mais próprias as aves

Do que procura, o encontro
Da casaca, a manga... de veludo
Do cemitério, a côva-côva
Do Brasil, a cabôcla
Do menino, a bengalinha
Dos tecidos, a ganga.

RIDENDO

No hospital um doente gemia:
—Ai meu Deus! meu Deus!
—Que quere de Deus? pergunta uma irmã de caridade nova e bonita. Eu sou filha dele...
—Queria que êle fosse meu sogro.

NOTA ALEGRE

Um viuvo cinco vezes,
Tendo-lhe alguém perguntado,
A qual das suas mulheres
Com mais ardor tinha amado.
Respondeu:—Falo-lhe franco,
Igual a quem se confessa;
Estimei mais a primeira
Porque morreu mais depressa.

Epitáfio gravado na lousa de uma sepultura:

Aqui jaz um homem rico
Nesta rica sepultura;
Escapava da moléstia
Se não merresse da cura.

Secção charadística

CHARADAS

EM VERSO

Da fôrma porque o Camanho
—Conhecido tintureiro—
Volta a meada no banho,—2
Não se diga que é ronceiro.

Cá p'ra mim, até estranho
Que tal faça tão ligeiro,
E de perto o acampanho
Como fôsse seu parceiro.

De o fazer como êle faz,
"Vontade" tem o Tomaz—2
Que colega também é;

E como qu'rer é poder,
Consegue tal a meu ver,
Visto andar de boa fé

Lebricho

Quando altas horas da noite
Um ao outro se sucede,—2
Leva uma sova de açoite
O bom e pobre Mamede.—1
Só por falar no demônio
No dia de Santo António.

Madre Helena

EM FRASE

Nos Estados Unidos, o negro, em "Nova Iorque" e outras "capitais", é muitas vezes alvo das maiores crueldades.—2-3

H. Rafo.

Não tem juizo quem julga trapaça a arte de carpinteiro.—2-2

L. Heitor

Carta de AVES

Pugnemos pelo nosso progresso

Já aqui o temos dito e não será por demais repeti-lo, de que precisamos de montar aqui um jornal semanario. Outras terras mais pequenas tem o seu jornaleinho, e por que não o devemos nós ter também? Temos aqui, graças a Deus penas brilhantes como a do rev. P.º Joaquim Lemos, a dos srs. Gomes Ferreira, a dos srs. Aristides Martins e outros mais que se venham encorporar na luta pelos nossos interesses.

O jornal aqui tem condições de vida se tiver quem o derija pelo seu verdadeiro caminho.

O seu caminho deverá ser o de se não imiscuir em politica; guerrear o mal mas não guerrear as pessôas, e deixar a vida particulares ás más linguas.

Deverá pugnar pelos interesses locais, pelas patrões e operários, visto que é deles a sua maior vida. Tudo isto deve ser feito de baixo de certos limites, sem que haja ofensa para nenhuma das partes. Formou-se aqui

uma associação de classe que morreu ao nascer. O mesmo acontecerá ao jornal se se não souber conduzir.

Os da associação principiaram mal e acabaram peor, e nem outra coisa seria de esperar.

Principiaram por, na praça publica, desdenhar aos patrões o que se não deveria fazer. Ali deveriam-se discutir os fins da associação e nada mais. Se assim se tivesse feito talvez conseguissem o seu fim, pois que não é crime o ser-se associado. Porem, um patrão que sabe que vai ter o seu operariado associado e que pelos seus derigentes os vê mal aconselhados ha-de fazer quanto em suas forças couber para os dispersar. Foi o que aconteceu. Não devemos por modo nenhum fazer aos outros o que não queremos que nos façam a nós. Ora ponhamo-nos nós os operarios, no lugar dos patrões e perguntemos a nós mesmo o que fariamos em seu logar? Eu tenho a certeza absoluta de que os patrões da Fabrica Rio Vizela se não importariam com a associação se ela seguisse a sua linha, que deveria consistir em explicar aos associados, os fins dessa mesma associação, pois que, muitos destes talvez pensassem que o fim da associação seria o de eles tomar conta das fabricas! As associações tem os seus delegados tecnicos mais ou menos educados para falar com os patrões para obter aquelas regalias a que tenham jus, jámais tratando-se dos srs. Conde Vizela e snr. Horta e Costa que já tantas tem dado aos seus operarios sem que eles lhas tenham pedido, pois que, é por demais sabido que estão superiores aos das outras fabricas.

Porem, o pedir não é crime, quando se pede. As nossas associações tem alguns delegados que não primam muito pelo lugar que occupam, porque misturam nos seus discursos a religião com o interesse da classe, o que não é justo, pois que isso não tem nada com o caso a ventilar. E, pela bôca perde o peixe. Os associados não amesquinham os seus patrões mas fizeram-no alguns dos seu derigentes o que era uma má escola, e dahi o resultado que se viu. Não. O caso deveria ser muito diverso. Os delegados podem explicar os fins da associação que é o de pugnar, quanto em suas forças couber, mas com bons modos, pelo interesse dos socios, mas nunca impôr se por modos violentos por que o braço nada será sem o capital. E do mais rudimentar saber que melhor passa o capital sem o braço do que o braço sem o capital.

Aferrar o capital para quê? todos podemos capitalisar se todos estivessemos bem unidos para esse fim, sem fazer guerra ao capital nem aos patrões.

(Continuação)

Deixemos Ponte Nova que è bela,
A fabrica a tecer e a fiar;
Subamos a estrada á Tugela
E vêmos quanto è lindo esse logar!
Um pintor, um pincel em aguarela
De belo muito tinha a desenhar!
Dons largos, boas vistas tem ali
Como melhores ainda eu não vil!

Mais adiante temos Boa Vista
Que o nome bem ajusta ao local
E se ahi não perdermos nossa pista
Uma igreja nós vemos sem equal.
E já com a razão que nos assista
Acharemos que è monumental,
Que serve para todos de modelo,
Pois quem vê assim ha-de dizê-lo!

JOAQUIM MOREIRA

—Na parochial haverá a devoção do mez de Maria todo o mez, pelas 18^{1/2} horas.

—No dia 27 do corrente batisou se uma menina filha do nosso amigo Snr. Mario Ferreira. Parabens.

C.

Barcelos Antigo

Trechos escolhidos da sua acção historica
por

Bento Antas da Cruz

Rio Cavado

Navegavel apenas até Mareses, aonde ainda afluente o refusto do mar nas marés, navegava-se o Cavado outrora em 18 kilometros de extensão. Frequentavam-no por isso os romanos, que por elle conduziam nas frotas para Roma, não só as preciosidades que extrahiam das minas do norte do reino senão ainda o mais que o paiz lhes ministrava.

Do encanamento deste rio, assumpto de momentosa importancia, e que mais d'uma vez se tem discutido modernamente, nada ha que valha registo, nem como projecto, nem como obra. Só é digno de menção o *Alvará* de 20 de fevereiro de 1795, a que anda anexo o respectivo *Regulamento* de fazenda e economia, em 43 artigos, explanado em 11 mais nas *Providências* adicionais de 27 de Abril de 1799.

Do *Plano* do encanamento e navegação do Cavado, desde a foz em Esposende até o Vau-do-Bico em Palmeira, a 6 kilometros desta cidade, temos uma copia esmerada, em nossa coleção de trabalhos gráficos do distrito.

E' trabalho valioso do nosso famoso engenheiro Custódio Gomes de Vilas-Bôas. Dr. Pereira Caldas—*Raridade Bibliografica*, cap. X, pag. 11 e 12.

A Peregrinação à Franqueira

E' nos agradavel dar a noticia de que o digno clero d'este arcebispo vai dando comeco aos trabalhos preparativos para esta grandiosa manifestação de fé que se tenciona levar a cabo na segunda quinzena de agosto do corrente anno.

Tendo ficado assente pelo digno Prelado d'esta diocese fazer-se todos os anos esta peregrinação, bom é que todo o povo católico d'este concelho tome parte n'ela, como pretexto da confirmação das suas crenças religiosas.

Os dignos parocos fazem muito bem, ir indo desde já aconselhando os seus paroquianos a que se encorporem nesta peregrinação, pois que só assim ella se tornará não só mais grandiosa, mas tambem mais pomposa uma vez que todas as freguesias se façam acompanhar de todas as suas bandeiras ou estandartes das confrarias.

Oxalá isto se venha a dar.

Carvalho, 25-4-1933

Com grande concorrência de devotos principiaram no preterito domingo os exercicios de Maria, e todos os dias ouviremos ao cair do dia o toque festivo dos sinos convidando os povos a vir prestar o seu culto de amor á Virgem, Mãe de Deus!

Como é lindo o mês de Maio para quem tem fé!

* * *

Seguiu para Braga o distinto seminarista Eduardo d'Oliveira Barros, pertencente a uma das familias mais distintas desta freguezia pelos seus sentimentos catholicos.

* * *

Reina grande entusiasmo e alegria pelas festas das Cruzes, ou festas da cidade de Barcelos, onde no dia 3 deve afluír muitas pessoas devido ao belo programa elaborado pela Comissão das Festas.

* * *

No proximo domingo terá lugar na nossa igreja paroquial a comunhão geral das creanças da Cruzada Eucaristica, que, dum modo regular, se faz mensalmente nos primeiros Domingos de cada mês.

* * *

Faleceu no dia 28 do passado mês a Snr.^a Maria Lufza da Silva, contando cerca de 80 anos. Recebeu apenas o Sacramento da Extrema Unção, pois, tendo-lhe dado um ataque não mais voltou a recuperar os sentidos.

Paz á sua alma.

* * *

Corre que a Comissão administrativa desta freguezia tem empregado esforços para se exonerar do honroso encargo, mas que o Ex.^{mo} Snr. Governador Civil do Distrito não está na disposição de a atender.

Francamente não compreendo nada de politica: então, porque se ha de negar o descanso a quem tanto tem trabalhado pelo bem comum?

Afirmando isto, devo dizer que tenho a maior consideração pelas pessoas que actualmente exercem o cargo, e que não creio que, da substituição da actual Comissão administrativa advenham para a freguezia maiores prosperidades.

Carta de Barcelos

Foi nomeado director dos Monumentos e Edifícios Nacionais nesta cidade o nosso bom amigo Snr. Augusto Soucaaux.

Esta noticia foi recebida com geral agrado pois sabe-se que a elle se deve a boa organização do nosso Museu Arqueológico Municipal.

Muitos parabens.

—As festas da cidade (tradicionalis Festas das Cruzes) decorreram muito brilhantismo, tendo sido enormemente concorrida de forasteiros.

—Estiveram no Porto: a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria José Cardoso Mahiques, os nossos bons amigos Srs. António Hercinino Matos Cardoso e Silva e Manuel Ferreira Lemos.

—Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade os nossos queridos amigos Srs. António d'Almeida Azevedo, do Porto, e Miguel Lemos, de Matosinhos.

—De visita a sua familia esteve nesta localidade o Sr. Capitão António Maria de Souza Pinto, do R. I. 3 em Viana do Castelo.

—A «Banda Barcelense» agradou muitissimo com o seu bello reportório durante as Festas das Cruzes.—C.

Conto para creanças

Um bôlha

Era uma vez um individuo que se dizia homem de muita sabença e com propensões a tudo mandar, e como vivia numa terra de provincia que tinha por timbre receber de braços abertos os que para ella vinham viver, aceitaram como homem de juizo tal cidadão, ouvindo-o em tudo.

Porém dentro em pouco chegou-se á conclusão de que se tratava dum doído com juizo, razão porque o foram pondo posto de parte. A creatura que teve naquella terra o seu apogeu, recentiu-se do desprezo a que ia sendo atirado, e como a sua mania era só grandezas, tinha-se associado em todas as agremiações da localidade que á medida que já não tomavam as suas indicações como boas, ia desistindo de tais sociedades, mas fazia-o com prevenções prévias pelo que os seus corpos directivos se abordavam dele pedindo-lhe mudasse de ideias, pois perdiam a sua quota.

O homem fazia-se rogado mas ficava.

Tantas vezes isto fazia que depois já ninguém o encarava a sério, porque deixou perceber mais esta sua habilidade pelo que caiu como caem todos os bôlhas.

E' que meus meninos, os homens devem mostrar sempre aquilo que são, deixando-se de habilidades que só servem para os depreciarem.

Tomai este exemplo. Vêde o que succedeu ao bôlha.

Não queirais grandezas que não vos pertença e sede modestos.

Bem sabemos que presunção e água benta cada um toma a que quer.

“Ecos da Franqueira,”

Pagaram a assinatura deste Semanario, além das pessoas mencionadas, os seguintes Senhores: P.^o Domingos Cruz, paroco de Pereira, Capitão Armenio Corrêa, de Barcelos, e Manuel Ferreira, de Carvalho (logar de Fulões.)

A todos agradeçemos rogando aos nossos presados assinantes o grande obsequio de procurarem os recibos de suas assinaturas na C.^a Editora do Minho — Barcelos, evitando-nos assim as despêças do correio.